

OS NEOPENTECOSTAIS E A TEOLOGIA DA PROSPERIDADE

Ricardo Mariano

RESUMO

A Teologia da Prosperidade consta entre as principais mudanças doutrinárias e axiológicas ocorridas no chamado neopentecostalismo, vertente pentecostal encabeçada pela controversa Igreja Universal do Reino de Deus. Defendendo que os cristãos, enquanto sócios de Deus ou financiadores da obra divina, estão destinados a ser prósperos, saudáveis, felizes e vitoriosos em todos os seus empreendimentos, esta teologia, oriunda dos EUA, derruba por terra o velho ascetismo pentecostal, prejudica a imagem pública deste grupo religioso e concorre para pôr em xeque a tese que vê afinidades entre o pentecostalismo e o "espírito do capitalismo".

Palavras-chave: neopentecostalismo; teologia da prosperidade; ascetismo; capitalismo.

SUMMARY

Prosperity Theology stands as one of the principal changes in doctrine and values that have taken place within the neo-Pentecostal movement, a Pentecostal branch led by the controversial Universal Church of the Kingdom of God. This theological tendency holds that Christians, as partners of God or as financial supporters of divine works, are destined to be wealthy, healthy, happy and victorious in all their endeavours. The movement, which originated in the United States, has put an end to the old Pentecostal asceticism, has tarnished the public image of this religious group and threatens to undermine the notion that sees some affinity between Pentecostalism and the "spirit of capitalism".

Keywords: Neo-Pentecostalism; Prosperity Theology; asceticism; Capitalism.

Até bem pouco tempo atrás uma fatia respeitável da igreja cristã empurrava todas as bem-aventuranças para o céu e para a eternidade. Dizia-se então que era necessário suportar pacientemente o sofrimento presente [...] A Teologia da Prosperidade está trazendo o celeste porvir para o terrestre presente. Para comermos a melhor comida, para vestirmos as melhores roupas, para dirigir os melhores carros, para termos o melhor de todas as coisas, para adquirir muitas riquezas, para não adoecermos nunca, para não sofrer qualquer acidente, para morrermos entre 70 e 80 anos, para experimentarmos uma morte suave — basta crer no coração e decretar em voz alta a posse de tudo isso. Basta usar o nome de Jesus com a mesma liberdade com que usamos nosso talão de cheques (Ultimato, Série Cadernos Especiais, Teologia da Prosperidade, março, 1994, p. 5).

Os neopentecostais

O pentecostalismo, oriundo da América do Norte, vem crescendo rapidamente em diversas sociedades em desenvolvimento do Sul do Pacífico, da África, do Leste e Sudeste da Ásia. Na América Latina sua expansão tem sido ainda mais acentuada, ameaçando cada vez mais a secular hegemonia católica¹. O Brasil se destaca neste contexto de profundas transformações religiosas. Em números absolutos, o maior país católico do planeta figura como o maior país protestante da América do Sul, abrigando cerca de metade dos 50 milhões de evangélicos estimados atualmente no continente, e como o terceiro no *ranking* mundial, abaixo somente dos Estados Unidos e da China².

O pentecostalismo chegou ao Brasil há exatos 86 anos. Desde então centenas de igrejas se formaram e diversas mudanças ocorreram em seu interior, tornando esta religião cada vez mais complexa, heterogênea. Para facilitar a compreensão e exposição da história e das distintas vertentes do pentecostalismo brasileiro, recentemente pesquisadores passaram a ordenar este campo religioso em três ondas³. Cumpre dizer que estas ondas não são estanques, convivem e se influenciam mutuamente. Constituem forma de ordenar, classificar, tornar inteligível a evolução deste movimento religioso, a partir sobretudo de critérios históricos de implantação de igrejas e de distinções teológicas.

A primeira onda, chamada de *pentecostalismo clássico*, abrange o período de 1910 a 1950, que vai de sua implantação no país, com a fundação da Congregação Cristã no Brasil (em 1910, em São Paulo) e da Assembléia de Deus (1911, Pará), até sua difusão pelo território nacional. Desde o início estas igrejas caracterizaram-se pelo anticatolicismo, pela ênfase no dom de línguas, por radical sectarismo e ascetismo de rejeição do mundo. Não obstante suas oito décadas de existência, ambas mantêm bem vivos estes traços. A Congregação Cristã mantém-se irremovível. Já a Assembléia de Deus, desde 1989 cindida em dois blocos, mostra-se mais flexível diante das mudanças que estão se processando no movimento pentecostal ao seu redor e na sociedade abrangente.

A segunda onda, que nomeio de *pentecostalismo neoclássica*, teve início na década de 50 com a chegada em São Paulo de dois missionários norte-americanos da International Church of The Foursquare Gospel. Aqui, criaram a Cruzada Nacional de Evangelização e iniciaram, com grande êxito, o evangelismo baseado na cura divina, provocando a fragmentação denominacional e acelerando a expansão do pentecostalismo no país. Logo, fundaram a Igreja do Evangelho Quadrangular (1951, São Paulo). No seu rastro, surgiram Brasil Para Cristo (1955, São Paulo), Deus É Amor (1962, São Paulo), Casa da Bênção (1964, Minas Gerais) e inúmeras outras de menor porte. Esta onda caracterizou-se pela ênfase teológica na cura divina, pelo intenso uso do rádio (que, por sectarismo, até a década de 50 não era usado pelas igrejas pentecostais aqui existentes) e pelo evangelismo itinerante em tendas de lona.

(1) Ver Martin, David *Tongues of fire: The explosion of Protestantism in Latin America*. Oxford: Blackwell, 1990.

(2) Convém esclarecer que o termo evangélico recobre o campo religioso formado pelas denominações cristãs nascidas na e descendentes da Reforma Protestante. Assim, designa tanto as igrejas protestantes históricas (Luterana, Presbiteriana, Congregacional, Anglicana, Metodista e Batista) como as pentecostais (Congregação Cristã no Brasil, Assembléia de Deus, Evangelho Quadrangular, Brasil Para Cristo, Deus é Amor, Universal do Reino de Deus etc.). Nascido nos Estados Unidos no começo deste século, o pentecostalismo distingue-se do protestantismo, do qual descende, grosso modo, por pregar, baseado em Joel 2: 38, Atos 1:8 e Atos 2, a contemporaneidade dos dons do Espírito Santo, dos quais ressaltam os dons de língua (glossolalia), cura, discernimento de espíritos, profecia.

(3) Sobre tipologia das formações do pentecostalismo brasileiro, ver Freston, Paul. *Protestantes e política no Brasil: da Constituinte ao impeachment*. Campinas. Tese de Doutorado, IFCH-Unicamp, 1993. Mariano, Ricardo. *Neopentecostalismo: Os pentecostais estão mudando*. São Paulo, Dissertação de Mestrado, FFLCH-USP, 1995.

A terceira onda, que designo de *neopentecostal*, vertente que mais cresceu na última década, começa na segunda metade dos anos 70, cresce e se fortalece no decorrer dos anos 80 e 90. Universal do Reino de Deus (1977, Rio de Janeiro), Internacional da Graça de Deus (1980, Rio de Janeiro), Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra (1976, Goiás) e Renascer em Cristo (1986, São Paulo), fundadas por pregadores brasileiros, constituem as principais igrejas neopentecostais. Todas apresentam poucos traços de seita, forte tendência de acomodação ao mundo, participam da política partidária e utilizam intensamente a mídia eletrônica. Caracterizam-se por: (1) pregar e difundir a Teologia da Prosperidade, defensora do polêmico e desvirtuado adágio franciscano "é dando que se recebe" e da crença nada franciscana de que o cristão está destinado a ser próspero materialmente, saudável, feliz e vitorioso em todos os seus empreendimentos terrenos; (2) enfatizar a guerra espiritual contra o Diabo, seu séquito de anjos decaídos e seus representantes na terra, identificados com as outras religiões e sobretudo com os cultos afro-brasileiros; (3) não adotar os tradicionais e estereotipados usos e costumes de santidade, que até há pouco figuravam como símbolos de conversão e pertencimento ao pentecostalismo.

O presente texto trata especialmente da Teologia da Prosperidade (TP), conjunto de doutrinas e ritos responsável, em parte, pelo crescimento das igrejas neopentecostais, que desencadearam no pentecostalismo surpreendentes mudanças axiológicas, estéticas, nos padrões de comportamento e no relacionamento destes religiosos com a sociedade, dissolvendo suas já tradicionais características de religião sectária e ascética.

Da teodicéia de compensação no além à de compensação neste mundo

Toda religião tem de lidar com o problema do sofrimento imerecido, da miséria e da morte. As religiões de salvação, como sabemos, invariavelmente prometem aos seus fiéis a libertação do sofrimento, seja no além ou neste mundo, seja agora ou num futuro messiânico. Imbuídas desta mensagem redentora, tendem a ser abraçadas principalmente pelos estratos sociais menos favorecidos. Segundo Weber, isto ocorre como "um sucedâneo, ou um suplemento racional, da mágica"⁴. Já os afortunados, diferentemente dos pobres e oprimidos, não têm a mesma necessidade de ser salvos ou redimidos da vida que levam. Necessitam antes "saber que têm o *direito* à sua boa sorte" neste mundo⁵.

Originário do metodismo e mais diretamente do movimento *Holiness*, desde o princípio o pentecostalismo atraiu sobretudo as camadas pobres e marginalizadas e sobre esta base foi difundido. Sectários e ascéticos, durante décadas os pentecostais promoveram forte desvalorização do mundo. Contra ele, suas tentações e a corrupção da matéria, propuseram condutas ascéticas, procedentes da matriz puritana, como meio de assegurar costu-

(4) Weber, Max. *Ensaios de sociologia*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982, p. 317.

(5) *Ibid*, p. 314.

mes e hábitos que os conduzissem à salvação ou à certeza de estarem salvos no outro mundo, libertando-os do sofrimento de uma vida cheia de privações. Até então, suas promessas redentoras, excetuando-se a cura física, se concretizariam no além.

Enquanto seus fiéis foram esmagadoramente pobres e estiveram privados de bens materiais, culturais e educacionais, o sectarismo e o ascetismo pentecostal não geraram grandes tensões internas. Mas, com a ascensão social de parte, ainda que minoritária, dos fiéis e com o progressivo aumento da conversão de adeptos de classe média, as tensões poderiam se intensificar, e muito, não fosse a acomodação ao mundo ou a dessectarização que, nas últimas duas décadas, começou a tomar corpo em diversas igrejas pentecostais. Pois, diante da mobilidade social de parte dos fiéis, das promessas da sociedade de consumo, dos serviços de crédito ao consumidor, dos sedutores apelos do lazer e das opções de entretenimento criadas e exploradas competentemente pela indústria cultural, esta religião ou se mantinha sectária e ascética, aumentando sua defasagem em relação à sociedade e aos interesses ideais e materiais dos crentes, ou fazia concessões. Frente às muitas mudanças ocorridas na sociedade, sobretudo na área comportamental, e às novas demandas do mercado religioso, várias lideranças optaram por ajustar gradativamente sua mensagem e suas exigências religiosas à disposição e às possibilidades de cumprimento por parte de seus fiéis e virtuais adeptos. O sectarismo e o ascetismo começaram a ceder lugar à acomodação ao mundo, acompanhando o processo de institucionalização de importantes segmentos pentecostais. Nos EUA, este processo teve início já nos anos 50 e 60. No Brasil, ele é mais recente, principia nos anos 70 e se aprofunda com o nascimento e crescimento do neopentecostalismo.

Mas este processo de mudanças não se deu sem mais. Eis algumas de suas razões: crescentes importações de teologias, de literatura, de ritmos musicais e mesmo de novos rituais e manifestações extáticas; intensificação do intercâmbio com igrejas e pregadores estrangeiros; mobilidade social de parte dos fiéis; surgimento de novas igrejas e de novos líderes eclesiásticos que, em muitos casos, por princípio ou como estratégia de crescimento denominacional, passam a adotar os mais recentes modismos ingressos neste meio religioso, renegando o fardo tradicionalista de suas denominações de origem; drásticas mudanças sociais de cuja influência nem as seitas mais fechadas e severas conseguem escapar.

Diferentemente de outrora, agora, muitos crentes, além de desejosos, reuniam condições econômicas de desfrutar das boas coisas que o mundo podia oferecer. Para isto, entretanto, primeiro era preciso substituir suas concepções teológicas que diziam que os verdadeiros cristãos seriam, se não materialmente pobres, radicalmente desinteressados de coisas e valores terrenos. Com sua diversidade interna, o pentecostalismo poderia dar conta dessa nova demanda e de outras. E deu, entre outras formas, com o surgimento da Teologia da Prosperidade. Esta doutrina encaixou-se como uma luva tanto para a demanda imediatista de resolução ritual de problemas

financeiros dos fiéis mais pobres, como para a demanda dos que desejavam legitimar seu modo de vida, sua fortuna e felicidade. Estes, agora, podiam se escudar nas novas concepções bíblicas da TP em vez de ter de recorrer, para seu tormento, à teologia (cf. Mateus 19: 24; Marcos 10: 25 e Lucas 18: 25) que falava a respeito da impossibilidade de o rico entrar no reino dos céus tal como a de o camelo atravessar o buraco de uma agulha.

Com promessas de que o mundo seria *locus* de felicidade, prosperidade e abundância de vida para os cristãos, herdeiros das promessas divinas, a Teologia da Prosperidade veio coroar e impulsionar a incipiente tendência de acomodação de várias denominações pentecostais aos valores e interesses mundanos das sociedades capitalistas.

Weber escreveu que quanto mais congregacional é o caráter da organização religiosa (caso do pentecostalismo), tanto mais a posição dos sacerdotes enfrenta a necessidade de condescender, no interesse da conservação e propagação do grupo de adeptos, às necessidades dos leigos. Prometer compensações imediatistas neste mundo é a concessão mais frequente. No caso do neopentecostalismo, propagador da TP, antes de representar uma condescendência pastoral momentânea, tais promessas dirigidas à grande massa de fiéis constituem sua marca distintiva⁶.

(6) Weber, Max. *Economia e sociedade: Fundamentos da sociologia compreensiva*. Brasília: UNB, 1991, p. 319.

A origem da Teologia da Prosperidade

Do ut des é o dogma fundamental, por toda parte. Esse caráter inere à religiosidade cotidiana e das massas de todos os tempos e povos e também de todas as religiões. O afastamento do mal externo e a obtenção de vantagens externas, "neste mundo", constituem o conteúdo de todas as "orações" normais, mesmo nas religiões extremamente dirigidas ao além (Weber, Max, op. cit., p. 293).

Oriunda dos Estados Unidos, a Teologia da Prosperidade, Confissão Positiva ou Movimento da Fé como também é conhecida, surgiu no começo dos anos 40. Mais tarde, encontrou guarida nos grupos evangélicos carismáticos daquele país, sendo reconhecida como movimento doutrinário constituído somente nos anos 70⁷. Sob a liderança de Kenneth Hagin, nascido no Texas, em 1917, a Confissão Positiva difundiu-se para inúmeros países. Evangelista batista, porém crente na cura divina, Hagin logo aproximou-se dos pentecostais, recebendo o batismo do Espírito Santo em 1937. Nesse mesmo ano foi licenciado pastor na Assembléia de Deus, na qual permaneceu por doze anos. No período pós-II Guerra Mundial participou das campanhas de cura divina nos EUA. Em 1962 fundou seu próprio ministério, caracterizado por transes, visões, profecias, revelações e experiências sobrenaturais, dos quais fez derivar sua "autoridade espiritual". Entre 1950 e 1959, Hagin declara ter, em oito ocasiões, conversado

(7) Pieratt, Alan. B. *O evangelho da prosperidade: Análise e resposta*. São Paulo: Ed. Vida Nova, 1993, p. 21.

pessoalmente com Jesus, algumas vezes no céu, outras no inferno⁸. Em sua carreira como pregador da Confissão Positiva, Hagin inspirou-se em Essek William Kenyon (1867-1948) e chegou mesmo a plagiar extensamente vários escritos dele.

No Emerson College of Oratory, em Boston, Kenyon — escritor, pregador batista, metodista, pentecostal e itinerante sem vínculos denominacionais, radialista de sucesso no final dos anos 30 e começo dos 40 — inclinou-se aos ensinamentos das "seitas metafísicas" derivados da filosofia do "Novo Pensamento", formulada originalmente por Phineas Quimby (1802-66). Quimby, que estudara espiritismo, ocultismo, hipnose e parapsicologia para produzir sua filosofia, inspirou e curou Mary Baker Eddy, fundadora da Ciência Cristã⁹. E os escritos de Mary Baker, por sua vez, também influenciaram as doutrinas de Kenyon, autor original da Confissão Positiva¹⁰. Já em sua origem nos EUA, portanto, a TP resultou da combinação sincrética de distintas tradições religiosas (ocidentais e orientais), práticas esotéricas e paramédicas, que deixaram marcas indeléveis neste movimento religioso e teológico.

Depois de Hagin, vivo ainda hoje, influente e líder de ministério radiofônico que atinge cerca de oitenta países, surgiram vários pregadores da Teologia da Prosperidade. Entre os principais propagadores da TP constam diversos televangelistas, como Ken Hagin Jr., Kenneth Copeland, Oral Roberts, Robert Schuller, Jerry Falwell, T.L. Osborn, Charles Capps, Benny Hinn, Pat Robertson, Paul Crouch, Fred Price. Saúde perfeita, prosperidade material, triunfo sobre o Diabo e vitória sobre todo e qualquer sofrimento, eis as promessas destes pregadores. Para obter tais bênçãos, o fiel deve observar as leis da prosperidade, confessando a posse da bênção, e o "princípio da reciprocidade", popularmente conhecido no Brasil como "é dando que se recebe".

O termo Confissão Positiva refere-se literalmente à crença de que os cristãos detêm o poder — prometido nas Escrituras e adquirido através do sacrifício vicário de Jesus — de trazer à existência, para o bem ou para o mal, o que declaram, decretam, confessam ou determinam com a boca em alta voz. Não à toa, o livro *Há poder em suas palavras*, de Don Gosset, tornou-se *best-seller* evangélico nos anos 90. O exemplo vem de cima, lembram eles: Deus criou o universo através da palavra¹¹. Para os adeptos desta teologia, o que é falado com fé torna-se divinamente inspirado. Isto é, as palavras proferidas com fé encerram o poder de criar realidades, visto que o mundo espiritual, que determina o que acontece no mundo material, é regido pela palavra.

Estes evangélicos defendem que possuirão tudo o que determinarem verbalmente, com fé e em nome de Jesus. Saúde perfeita, prosperidade material e felicidade, "direitos" do cristão anunciados na Bíblia, naturalmente figuram entre as bênçãos mais declaradas por eles. Determinar nada tem a ver com pedir ou suplicar a Deus. Através do sacrifício vicário de seu filho, Deus já fez o que podia pela humanidade, perdoadando o pecado original e tornando, desde então, suas graças de saúde, prosperidade e vitória

(8) Gondin, Ricardo. *O Evangelho da Nova Era*. São Paulo: Abba Press Editora e Divulgadora Cultural Ltda, 1993, p. 30.

(9) Bryan Wilson (*Sociologia de las sectas religiosas*, Madrid: Ediciones Guadarrama, 1970, pp. 141,143) classifica o *New Thought* e a *Christian Science* como "seitas manipulacionistas". "Os manipulacionistas", segundo ele, "encontraram um método para obter a salvação, mas a salvação considerada, em geral, como a possibilidade de conseguir as coisas boas deste mundo, especialmente uma vida longa, a saúde, a felicidade e um sentimento de superioridade e inclusive de triunfo."

(10) Sobre *Positive Confession Theology*, ver McConnell, D.R. (*A different gospel: A historical and biblical analysis of The modern faith movement*, Massachusetts: Hendrickson Publishers, 1988) e Burgess, Stanley M. and McGee, Gary B. (*Dictionary of Pentecostal and charismatic movements*, Zondervan: Grand Rapids, 1989, pp. 718-729).

(11) Partidários da TP pregam que o crente pode alterar realidades através da palavra proferida com fé. Já o *New Thought*, uma das fontes de inspiração da TP, promete tal poder através do pensamento e não da palavra. Segundo Bryan Wilson (op. cit., p. 157), "era um lugar comum das obras do Novo Pensamento assinalar que os homens criavam a riqueza, a saúde e a felicidade mediante a prática de uma higiene mental. Mediante o pensamento, os homens manipulariam suas próprias circunstâncias e o mundo." Esta crença parece estar na raiz de parte da literatura esotérica e de autoajuda que invadiu os EUA, a Europa e o Brasil nas últimas décadas. Os livros de Lair Ribeiro, por exemplo, que prometem o paraíso na terra através da "reprogramação neurolinguística", parecem ter parte de suas técnicas e premissas oriundas do *New Thought*.

disponíveis aos homens nesta vida. Estes devem decretar, determinar, exigir, reivindicar, em nome de Jesus, como Deus prescrevera, para "tomar posse" das bênçãos a que têm "direito". R.R. Soares, líder da Igreja Internacional da Graça de Deus e proprietário da Graça Editorial, que publicou 33 livros de Kenneth Hagin, fornece a receita aos fiéis:

Somos hoje exatamente aquilo que algum tempo atrás consciente ou inconscientemente havíamos declarado que seríamos, e seremos no futuro próximo tudo que agora estamos declarando [...] São as nossas palavras que nos governam, que nos dão saúde, paz, prosperidade e felicidade. São também as nossas palavras que nos fazem derrotados, doentes e miseráveis [...] só conseguiremos aquilo que falarmos [...] temos aprendido que a parte de Deus em relação a nossa cura já foi feita. Hoje somos nós que temos que fazer a nossa parte [...] São unicamente as nossas palavras que nos dão saúde (Curso Fé, lição IX, "As palavras").

Para certos pregadores da TP, além do sacrifício de Jesus, os direitos divinos do cristão decorrem do fato de que o homem possui a mesma natureza de Deus e, portanto, igualmente a Ele, goza de autoridade ou poder de, através da palavra, chamar coisas à existência material. Tradicionalmente, os pentecostais consideram-se vasos ou templos do Espírito Santo. Já alguns pregadores da Confissão Positiva vão bem mais longe, afastando-se muito do protestantismo da Reforma, para não dizer do cristianismo. Afirmam que quando o homem "nasce de novo", ele adquire a própria natureza divina. Logo, torna-se um deus.

Mas por que muitos crentes não tomam posse das bênçãos que Deus colocou à sua disposição? Por que há sofrimento, miséria e enfermidade entre os cristãos? Prevenidos quanto às possíveis frustrações, os pregadores da Teologia da Prosperidade alegam que a responsabilidade pelo fracasso é do homem, do Diabo e das legiões de demônios. Ora as bênçãos não são alcançadas pela inabilidade do fiel em confessá-las, ora por sua falta de fé, ora pelo pecado ou por sua escravidão a Satanás e, portanto, às maldições por ele enviadas. Ocorre também que muitos cristãos, doutrinados segundo a velha teologia, qualquer que seja ela, simplesmente ignoram que tenham direitos divinos a reclamar. E, como afirmam os pregadores da Teologia da Prosperidade, "direito não reclamado é direito inexistente". Antes de "exigir seus direitos", portanto, é crucial que o crente tenha consciência deles. Depois, precisa conhecer os meios pelos quais possa alcançá-los e mantê-los.

Pelo próprio fato de inculcar em seus adeptos crenças de efeito "abracadabra", esta teologia exige deles imensa dose de fé. Evidentemente, é preciso estar imbuído de extrema fé para crer que a realidade possa se conformar às palavras pronunciadas com fé, em nome de Jesus. O crente pode determinar o quanto for, por exemplo, que não ficará rico da noite

para o dia como num passe de mágica. Quanto a isto, porém, os pregadores da TP estão preparados para responder e advertem: aquilo que é decretado não se torna realidade imediatamente. Eles explicam ao fiel que, embora o objeto de sua confissão ainda não tenha se concretizado no mundo material, é dever do cristão, de antemão, orar agradecendo a Deus pela posse da bênção confessada, como se fosse aplicação metódica de uma fórmula mágica, uma vez que no mundo espiritual ela já foi concedida. Além de agradecer, ele deve passar a agir como se já tivesse recebido a bênção, ainda que todas evidências indiquem o oposto.

Depende totalmente do crente receber ou não as bênçãos que determina. Qualquer dúvida, por mínima que seja, manifesta quanto à realização do que confessou, determinou, exigiu ou reivindicou impossibilita o recebimento da bênção. Quanto mais irrealista for a confissão, maiores os riscos de o fiel duvidar de sua execução. Ainda que a reivindicação de "direitos" impossíveis de obter através de esforço próprio constitua enorme demonstração de fé, a demora em alcançar a graça e o descompasso existente entre a crença e a realidade podem abalar a fé do crente. Uma fé capenga, inevitavelmente, será responsabilizada pelo fracasso da confissão.

Já a crença no adágio franciscano "é dando que se recebe", além de ser frisada nas pregações e na literatura dos adeptos da Confissão Positiva, também manteve íntima conexão com a expansão do televangelismo norte-americano. Segundo Hadden e Shupe¹², em função do aumento da competição entre os televangelistas, o tempo na TV tornou-se muito caro para eles. Os custos dos programas subiram mais que a audiência. Pressionados pelas despesas crescentes de seus projetos, que se tornaram cada vez mais ambiciosos, os televangelistas refinaram as formas de levantar fundos, integrando os apelos financeiros à sua teologia. Deste modo, as exigências econômicas do veículo de transmissão da mensagem religiosa acabaram por integrar e moldar seu conteúdo. Não é à toa que a TP ingressou no Brasil e se espraiou em diversos segmentos evangélicos através dos neopentecostais, justamente os mais ativos difusores do televangelismo entre nós a partir da década de 80.

A Teologia da Prosperidade no Brasil

A Teologia da Prosperidade inicia sua trajetória no Brasil no final dos anos 70¹³. Desde então penetrou em muitas igrejas e diversos ministérios para-eclesiásticos: Igreja Universal do Reino de Deus, Igreja Internacional da Graça de Deus, Renascer em Cristo, Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra, Nova Vida, Bíblica da Paz, Cristo Salva, Cristo Vive, Ministério Palavra da Fé, Missão Shekinah, ADHONEP (Associação dos Homens de Negócio do Evangelho Pleno), CCHN (Comitê Cristão de Homens de Negócios). Naturalmente, cada instituição, cada liderança pastoral deglutirá, trabalhará e transmutará de diferentes modos as doutrinas deste "novo Evangelho", ora

(12) Hadden, Jeffrey K. and Shupe, Anson. "Televangelism in America". *Social Compass*, XXXIV/1, pp. 61-75, 1987.

(13) Robert McAlister, fundador da Igreja de Nova Vida, parece ter sido pioneiro no trato da questão da prosperidade financeira nos meios pentecostais, mas não da TP propriamente dita. Já no começo dos anos 60, ele escreveu o livretinho *Como prosperar* (Rio de Janeiro, Nova Vida, 1978, 3ª edição), orientando os crentes a serem fiéis no pagamento do dízimo para terem suas finanças abençoadas. Em 1981, publicou *Dinheiro: Um assunto altamente espiritual* (Rio de Janeiro: Carisma Editora), no qual criticava, por um lado, os pastores que viam o dinheiro como "a raiz de todos os males" e, por outro, o triunfalismo dos "supercrentes", pregadores da TP que viam a prosperidade como "prova da espiritualidade e das bênçãos de Deus", tratando este como "um empregado sempre à disposição" ou tentando "fazer negócios" com Ele. Embora crítico dos "negociadores de bênçãos", McAlister, paradoxalmente, dizia com muita tranquilidade: "se você deseja garantir o seu futuro financeiro, pague seu dízimo. Dê também ao Senhor ofertas de amor" (1981, pp. 14, 43, 68).

ênfase em determinados aspectos, ora deixando outros de lado, por desconhecimento, por desinteresse, por falta de coerência lógica, por recusa de pontos mais controversos ou claramente atentatórios contra crenças e princípios bíblicos tradicionalmente consensuais nos meios cristãos evangélicos. Por seu rápido crescimento e pela ênfase que dão à prosperidade financeira, duas denominações serão aqui abordadas em maior profundidade: Igreja Universal e Igreja da Graça.

Ambas adotam várias crenças da TP, dentre elas a que afirma que o "plano de Deus para o homem é fazê-lo feliz, abençoado, saudável e próspero em tudo"¹⁴. Colocados os termos deste modo, não provocam muita controvérsia. Mas a coisa é mais complexa. Os pregadores da TP dizem que só não é próspero financeiramente, saudável e feliz nessa vida quem carece de fé, não cumpre o que diz a Bíblia a respeito das promessas divinas e está envolvido, direta ou indiretamente, com o Diabo. A posse, a aquisição e a exibição de bens, a saúde em boas condições e a vida sem grandes problemas ou aflições são apresentadas como provas da espiritualidade do fiel. Muitos líderes pentecostais vêem tais crenças com maus olhos, tanto por razões teológicas quanto pelo fato de que a maioria de seus fiéis são escancaradamente pobres. As doutrinas da TP também são acusadas de atentar contra a soberania de Deus, dado que seus adeptos são instruídos a estabelecer relações com o Todo-Poderoso em que os "verbos como *exigir, decretar, determinar, reivindicar* frequentemente substituem os verbos *pedir, rogar, suplicar*"¹⁵. Piores ainda, na ótica de outros segmentos evangélicos, são as orientações de "dar (dinheiro) para receber" (bênçãos) propostas insistentemente nestas igrejas, visando aumentar o contingente de dizimistas e arrecadar maiores volumes de ofertas.

A TP está operando e promovendo forte inversão de valores no sistema axiológico pentecostal. Faz isto ao enfatizar quase que exclusivamente o retorno da fé nesta vida, pouco falando a respeito da principal promessa do cristianismo e, tradicionalmente, do pentecostalismo: a salvação após a morte. Além de que, em vez de valorizar temas bíblicos tradicionais de martírio, auto-sacrifício, isto é, a "mensagem da cruz" — que apregoa o ascetismo (negação dos prazeres da carne e das coisas deste mundo) e a perseverança dos justos no caminho estreito da salvação, apesar do sofrimento, das injustiças e perseguições promovidas pelos ímpios contra os cristãos —, a TP valoriza a fé em Deus como meio primordial de obter felicidade, saúde física, riqueza e poder terrenos. Em vez de glorificar o sofrimento, tema caro ao cristianismo, enaltece o bem-estar do cristão neste mundo. Este bem-estar não será alcançado através da luta coletiva e política, como propõem as CEBs, mas por meio de mediações puramente religiosas. Tais proposições não configuram propriamente a defesa de um hedonismo de cunho evangélico. Antes, os neopentecostais defendem que, no mundo, o verdadeiro cristão está predestinado à "vitória", sendo "mais que vencedor" em todas as esferas da vida. Ressalvam, porém, que o homem deve colocar seu coração primeiro em Deus e na sua obra, depois

(14) Soares, R.R. *As bênçãos que enriquecem*. Rio de Janeiro: Graça Editorial, 1985, p. 141.

(15) Romeiro, Paulo. *Supercrentes: O Evangelho Segundo Kenneth Hagin, Walnice Milhomens e os profetas da prosperidade*. São Paulo: Mundo Cristão, 1993, p. 36, grifo do autor.

nas coisas materiais, como se isto fosse possível no âmbito desta teologia tão profundamente comprometida com a ideologia da sociedade de consumo.

A despeito de serem majoritariamente pobres, os pentecostais nunca fizeram elogios nem atribuíram significado redentor à pobreza¹⁶. Não a reconheciam como uma virtude cristã. Antes, ansiavam superá-la no paraíso, já que viam este mundo como um vale de tormentos e sofrimentos¹⁷. Também não se consideravam, pelo simples fato de serem pobres, necessariamente, herdeiros preferenciais do Reino dos Céus. Por outro lado, não associavam a posse de bens terrenos à detenção de maior espiritualidade. Na realidade, resignados no ascético "caminho estreito", sempre desvalorizaram, ao menos na retórica, a busca de riquezas e alegrias deste mundo.

A TP subverte radicalmente isto, prometendo prosperidade, redenção da pobreza nesta vida. Ademais, na TP a pobreza significa falta de fé, algo que desqualifica qualquer postulante à salvação. Segundo os pregadores da TP, Jesus veio ao mundo pregar o Evangelho aos pobres justamente para que eles deixassem de ser pobres. Da mesma forma, Ele veio pregar aos doentes porque desejava curá-los. Deus não é sádico. Ele tem grande prazer no bem-estar físico e na prosperidade material de seus servos. O contrário não faz nenhum sentido bíblico. Os reais servos de Deus não são nem nunca serão párias sociais. Durante muito tempo o Diabo obscureceu a visão dos crentes a respeito destas verdades, mas agora, conscientes da ardileza satânica, eles começam a tomar posse das promessas divinas.

Para os defensores da TP, a expiação do Cordeiro libertou os homens da escravidão do Diabo e das maldições da miséria, da enfermidade, nesta vida, e da segunda morte, no além. Os homens, desde então, estão destinados à prosperidade, à saúde, à vitória, à felicidade. Para alcançar tais bênçãos, garantir a salvação e afastar os demônios de sua vida, basta o cristão ter fé incondicional em Deus, exigir seus direitos em alta voz e em nome de Jesus e ser obediente a Ele acima de tudo no pagamento dos dízimos.

O dízimo: dar para receber

Deus não precisa de nosso dinheiro, porque dele é a prata e o ouro. Mas Ele precisa que nós o obedeçamos, para que possa nos abençoar. Há uma íntima relação entre dar e receber. Quanto mais damos, mais recebemos (Rodvalho, Robson. O milagre aconteceu. Goiás, Koinonia, s. d., p. 59.)

Na interpretação de certos pregadores brasileiros da TP, o pecado cometido por Adão e Eva desfez a comunhão, a aliança ou a "sociedade" existente entre Deus e as criaturas humanas, tornando-as escravas do Diabo. Como Deus desejava voltar a ser "sócio" dos homens, mandou seu filho

(16) Ver Mariz, Cecília Loreto. *Coping with poverty: Pentecostals and Christian Base Communities in Brazil*. Philadelphia: Temple University Press, 1994, pp. 158-59.

(17) Robert McAlister (op. cit., 1981, p. 23) afirma que a teologia dos hinários evangélicos "fala muito sobre as dificuldades de uma 'vida trabalhosa'" e a respeito de que "neste mundo não há senão tribulações, lutas, além de tesouros impossíveis de conquistar"; "razão por que tanto se almeja entrar no céu".

unigênito à cruz para expiar o pecado original. Entretanto, segundo Kenneth Hagin, o pai da matéria (e vários pastores brasileiros), Jesus não expiou os pecados da humanidade ao ter seu sangue derramado na cruz, mas sim quando, após sua morte, desceu ao inferno, recebeu a natureza satânica, experimentou a morte espiritual, sofreu durante três dias, renasceu e, por fim, conseguiu derrotar o Diabo em seu próprio território¹⁸. Deste modo, foram necessários o sacrifício de Jesus na cruz e a sua vitória sobre o Diabo no inferno para o restabelecimento desta sociedade, na qual os homens, se cumprirem sua parte no contrato firmado na Bíblia por Deus, isto é, se pagarem fielmente o dízimo e exigirem o que a Palavra declara pertencer-lhes, tornam a adquirir o direito à "vida abundante". O pagamento do dízimo, que "existe desde a criação do homem"¹⁹, constitui o meio pelo qual os indivíduos podem refazer a "sociedade com Deus", habilitando-se a desfrutar das promessas bíblicas.

(18) Romeiro, Paulo, op. cit., p. 58.

(19) Soares, R.R., op. cit., p. 35.

Ele [Jesus] desfez as barreiras que havia entre você e Deus e agora diz — volte para casa, para o jardim da Abundância para o qual você foi criado e viva a Vida Abundante que Deus amorosamente deseja para você [...] Deus deseja ser nosso sócio [...] As bases da nossa sociedade com Deus são as seguintes: o que nos pertence (nossa vida, nossa força, nosso dinheiro) passa a pertencer a Deus; e o que é d'Ele (as bênçãos, a paz, a felicidade, a alegria, e tudo de bom) passa a nos pertencer (Macedo, Edir. Vida com abundância. Rio de Janeiro: Universal Produções, 1990, pp. 25, 85, 86).

Deus não pode deixar de cumprir as promessas feitas aos homens contidas na Bíblia. O Criador não tem escolha senão cumprir o prometido. Presa às promessas que fez, a onipotência divina fica seriamente comprometida. Nesta sociedade, a parte que cabe aos homens consiste em pagar o dízimo, ter fé em Deus e na sua Palavra e profetizar as bênçãos divinas em sua vida. Enquanto a parte de Deus reside no pronto cumprimento de suas promessas (repreender o "devorador" e conceder bênçãos em abundância), das quais Ele, desde que satisfeitas as condições contratuais, em hipótese alguma pode se furtar. Nesta relação contratual em que Deus tem obrigações a cumprir, os homens, se têm deveres para com Ele, igualmente têm direitos. Na medida em que tem consciência de seus direitos, o fiel pode exigir de Deus o cumprimento deles. E é exatamente isto que ocorre. Com isso, além de ter sua soberania drasticamente diminuída, Deus torna-se vítima de frequentes manipulações por parte de seus sócios, até porque não pode se ver livre delas, a menos que "quebre sua Palavra", algo inimaginável na ótica desses crentes. Naturalmente, os pregadores da TP se defendem alegando que não determinam as ações de Deus, mas sim que ordenam ou exercem autoridade sobre o Diabo, em nome de Jesus, para que as promessas divinas se cumpram. Mesmo neste caso a soberania divina ainda

permaneceria duplamente limitada: primeiro, pela ação do "grande adversário", segundo, pela necessidade de auxílio da determinação dos crentes para que suas promessas se cumprissem. Em suas práticas e mesmo em seus escritos, porém, transparecem afirmações que desabonam tal defesa.

Comece hoje, agora mesmo, a cobrar d'Ele tudo aquilo que Ele tem prometido [...] O ditado popular de que "promessa é dívida" se aplica também para Deus. Tudo aquilo que Ele promete na Sua Palavra é uma dívida que tem para com você [...] Dar dízimos é candidatar-se a receber bênçãos sem medida, de acordo com o que diz a Bíblia [...] Quando pagamos o dízimo a Deus, Ele fica na obrigação (porque prometeu) de cumprir a Sua Palavra, repreendendo os espíritos devoradores [...] Quem é que tem o direito de provar a Deus, de cobrar d'Ele aquilo que prometeu? O dízimista! [...] Conhecemos muitos homens famosos que provaram a Deus no respeito ao dízimo e se transformaram em grandes milionários, como o sr. Colgate, o sr. Ford e o sr. Caterpillar (Macedo, Edir, op. cit., pp. 36, 54, 79, 84).

Os versículos de Malaquias 3: 9, 10 impressos nos envelopes de dízimos das igrejas Universal e Internacional da Graça são constantemente repisados. Nesta passagem sobre o dízimo, segundo os pregadores da TP, estão contidas as promessas de abundância aos dízimistas e a declaração de que Deus repreenderá o "devorador", o Diabo e os demônios da vida financeira dos fiéis, proporcionando-lhes prosperidade.

Mas como fica o fato de tantos fiéis dízimistas continuarem recebendo salário-mínimo, morando em favelas e cortiços? Cedendo terreno às motivações e aptidões pessoais, R.R. Soares responde: "Não basta dar o dízimo. Os negócios aqui na terra são administrados pelo homem. Se for inteligente, astuto e souber aproveitar as oportunidades, estes dons, aliados à bênção divina, farão dele uma pessoa tremendamente próspera" (op. cit., 1985, p. 116).

Nos cultos da Universal, além de exortados a pagar o dízimo, a dar ofertas com desprendimento e a participar da corrente da prosperidade, os fiéis, ansiosos por enriquecer, são aconselhados a deixar de ser empregados. Recebem incentivos para abrir negócios e se tornarem patrões, desejo da maioria dos que vendem sua força de trabalho no mercado. Para enriquecer, portanto, não adianta apenas exigir seus direitos, é preciso que trabalhem, sejam astutos, aproveitem as oportunidades, ingressem na iniciativa privada. Para os empresários membros da igreja, a Universal mantém na sede paulista, às segundas-feiras, cultos para que os negócios deles prosperem ainda mais. Muitos de seus testemunhos são levados ao rádio e à TV, como estratégia de *marketing* para angariar novos adeptos. O mesmo faz a Internacional da Graça de Deus.

As promessas de prosperidade até podem descolar-se bastante da

realidade cotidiana dos crentes sem se tornarem inteiramente implausíveis, uma vez que "Deus tudo pode". No entanto, quando isso ocorre, tendem a ser reinterpretadas pelo fiel de acordo com sua condição social e suas aspirações. Não é à toa que a maioria dos testemunhos de prosperidade não diz respeito a ocorrências discrepantes da realidade. Refere-se, em geral, a alguém que galgou novo posto de trabalho, foi promovido, conseguiu ser empregado, obteve lucro ou realizou algum negócio inesperado.

Cumpra dizer que os pentecostais, incluindo os que se opõem às doutrinas da TP, acreditam que Deus fica propenso a recompensar materialmente os dizimistas, nem que seja não permitindo que lhes faltem os meios de subsistência. Pois Ele conhece as reais necessidades de seus servos e, na hora certa, tudo provê. Unânime entre os fiéis e pastores entrevistados, esta crença abre portas para a entrada da TP neste meio religioso. Sua probabilidade de aceitação e propagação aumenta visto que a associação entre contribuição financeira à igreja e prosperidade do ofertante está presente há muito tempo no protestantismo histórico, do qual muitos fiéis rumaram para as igrejas pentecostais²⁰.

O pagamento do dízimo, exceto na Congregação Cristã no Brasil, é dever dos pentecostais. Os pastores, apesar disso, estimam que pouco mais da metade dos membros seja dizimista. É provável que a proporção de dizimistas seja mais baixa em algumas igrejas neopentecostais, como a Universal e a Internacional da Graça, dado o caráter flutuante de parcela expressiva de seus frequentadores. Seria surpreendente que frequentadores esporádicos mantivessem relações de fidelidade com a igreja, assumindo compromissos financeiros duradouros para sua manutenção e expansão. Daí decorre parte da insistência dos pregadores em dizer que somente prosperam os que mantêm fidelidade no pagamento do dízimo. Os demais são merecedores apenas de graças pontuais, análogas à sua inconstância no "dar".

(20) Ver Léonard, Émile G. *O protestantismo brasileiro*. São Paulo: Aste, 1950, p. 226.

As ofertas: desafios a Deus

A Bíblia tem mais de 640 vezes escrita a palavra oferta. Oferta é uma expressão de fé. Se Deus não honrar o que falou há três ou quatro mil anos atrás, eu é que vou ficar mal (Edir Macedo, O Globo, 29.4.1990).

Na Assembléia de Deus, na Igreja do Evangelho Quadrangular e noutras denominações pentecostais da primeira e da segunda ondas (com exceção da Deus É Amor, da Casa da Bênção e de outras menores e menos conhecidas), a oferta, geralmente uma pequena quantia, é colocada na "sacolinha" conduzida por obreiros, após breve oração e num curto período de tempo, de forma discreta. Quando estas igrejas têm necessidade de quantia extra, no caso de construção, de pagamento de programa de rádio

etc., fazem o pedido à congregação junto com as explicações necessárias, mas sem estardalhaço. Isto é radicalmente distinto do que ocorre nas neopentecostais.

Hoje em dia, entretanto, a TP já deitou raízes muito além das fronteiras das igrejas neopentecostais e das para-eclesiais.

Os pregadores neopentecostais manifestam com muita naturalidade seu interesse por dinheiro. "No Novo Testamento um dos temas mais mencionados é o dinheiro", assevera R.R. Soares²¹. Extensa parte dos cultos da Universal e da Internacional da Graça é reservada para convencer os fiéis acerca de suas obrigações, determinadas por Deus, de pagar dízimos e dar ofertas "com alegria". Prometendo saúde, prosperidade, felicidade, libertação do Diabo e dos problemas cotidianos àquele que corajosamente doar a maior quantia possível e, de preferência, uma quantia que, do ponto de vista do cálculo racional, fará falta, estas igrejas conseguem recolher muito mais recursos financeiros do que as concorrentes. O êxito em coletar elevadas quantias dos fiéis as capacita, mais do que as outras, a investir em meios de comunicação de massa e edificações. O enorme volume de recursos que arrecadam e a competência com que os aplicam na obra de evangelização, com intenso uso da mídia eletrônica, e na abertura de novos locais de culto têm sido cruciais para o seu rápido crescimento.

Não obstante pastores da Universal em Belo Horizonte terem inovado em matéria de dízimo²² e cobrado 30%, 10% pelo Pai, 10% pelo Filho e 10% pelo Espírito Santo²³, ele é fixo e dá muito pouca margem a manobras, restando aos intermediários de Deus na terra insistir, para o bem do crente e para a expansão do Evangelho, na importância da fidelidade e de seu pontual pagamento. Já no caso das ofertas, a coisa é bem diferente. Nesse terreno pode ser observada toda a inventividade dos pastores em criar formas e métodos para arrecadar ofertas em volumes crescentes.

Uma das formas consiste em associar ofertas à distribuição de brindes evangélicos: quem fizer ofertas nos valores correspondentes aos que vão sendo estipulados pelo pastor em sentido decrescente, ora se candidata a receber um livreto, ora um disco, e assim por diante até que os valores a ofertar atinjam patamares em que mais nenhum brinde é dado. Com frequência esta espécie de "leilão" não fornece brindes, e sim promessas de bênçãos acompanhadas de desafios à fé do crente.

As bênçãos prometidas, desejadas e reivindicadas estão sempre atreladas à oferta financeira. Os pastores, contudo, alegam que a oferta é voluntária e refutam as críticas, em geral oriundas da grande imprensa, de outros segmentos evangélicos e até católicos, de que vendem bênçãos e suas igrejas não passam de "supermercados da fé". Cumpre frisar que, no âmbito da TP, pagar o dízimo e dar ofertas constituem duas das principais formas pelas quais o crente prova a sua fé. Colocada incessantemente à prova, a fé existe apenas e quando se manifesta concretamente em ação, quando é exercida, no caso, através do pagamento do dízimo e no ato da oferenda. Como escreveu Edir Macedo, "a fé está ligada à obediência e esta à ação; logo, fé é ação"²⁴. Deus prometeu bênçãos, mas para recebê-las o

(21) Soares, R.R., op. cit., p. 15.

(22) Wilson Gomes (As novas religiões populares na Bahia. Salvador, Instituto de Teologia da Universidade Católica, mimeo, 1990, p. 47), que fez pesquisa em Salvador, verificou que na Universal "há também o dízimo de 20% e o 'Dízimo do Sinai' que ultrapassa os 30%". Um de meus entrevistados, membro da IURD, disse ter pago dízimos de 30% diversas vezes. Mônica do Nascimento Barros (*A Batalha do Armagedom: Uma análise do repertório mágico-religioso proposto pela Igreja Universal do Reino de Deus*. Belo Horizonte, Dissertação de Mestrado, UFMG, 1995, p. 188) observou pedido de dízimo de até 50%.

(23) *O Globo*, 16.08.1992.

(24) Macedo, Edir, *O despertar da fé*. Rio de Janeiro: Universal Produções, 1985, p. 36.

fiel tem de dar dinheiro para demonstrar sua fé, canal exclusivo para restabelecer a sociedade com o Todo-Poderoso e afastar os demônios de sua vida. É o fiel, através das ações motivadas por sua fé, quem põe em funcionamento o mecanismo da bênção²⁵. Sem a ação primeira do fiel de dar, Deus nada pode fazer por ele. Até porque Deus já fez tudo o que devia fazer ao mandar seu filho à morte na cruz, libertando os homens das maldições da miséria, da enfermidade e da segunda morte. Desde a expiação de Jesus, suas bênçãos estão disponíveis à espera de que os homens "tomem posse" delas. Para isto, precisam ter fé, declarar ou determinar verbalmente as promessas e bênçãos de Deus e confessar que já as obtiveram, mesmo e apesar de ainda não concretizadas no plano material. Sem fé, isto é, sem as obras visíveis da fé, o crente não se habilita a tomar posse da bênção ou a adquirir direitos de fazer exigências, reivindicações a Deus.

O crente que almeja receber grandes bênçãos de Deus precisa ser radical na demonstração de sua fé. Deve fazer doações que do ponto de vista do "homem natural" e do cálculo racional seriam loucura. Precisa dispor de coragem. Deve assumir riscos, doando à igreja algo valioso como salário, carro, casa, poupança, herança, jóias, caminhão etc., com a certeza de que reaverá, multiplicado, o que ofertou. Não pode guardar qualquer resquício de dúvida quanto ao retorno de sua fé, já que, como admoestam os pastores, "a dúvida é do Diabo". Bastante estimulada, tal demonstração de fé é denominada de "provar" ou "desafiar" a Deus. Ela tem a mesma lógica das outras ofertas, com a diferença de que Deus é "desafiado", ou fica "obrigado" a conceder bênçãos ainda mais generosas, de acordo com o grau do sacrifício feito pelo fiel e do risco que ele assumiu ao ofertar determinado bem. Distinto da promessa no catolicismo popular, que condiciona o pagamento ao atendimento da súplica, o desafio antecede o recebimento da bênção. O fiel paga primeiro. Coloca-se na posição de credor de Deus, coagindo-o a retribuir na mesma medida. Com o sacrifício financeiro, ele acredita já ter assegurado a intervenção divina sobre determinado infortúnio. Evidentemente, garantem os pregadores, Deus se compraz muitíssimo com os fiéis que ousam desafiá-lo em tão audazes e arriscadas exibições de fé. Na ótica daquele que deposita plena fé no que pregam os pastores da TP, não há risco algum em fazer tais desafios, por maiores que sejam, pela simples razão de que Deus não pode deixar de honrar suas promessas.

Para levantar ofertas maiores, o desafio mais frequentemente proposto intima os fiéis a pegar todo o dinheiro que têm no bolso ou na carteira naquele momento, retirar o suficiente para a condução e ofertar o restante. Eles também são incentivados a preencher cheques com valores superiores aos existentes em suas contas-correntes, com a promessa de que Deus haverá de suprir o que falta e lhes conceder bênçãos financeiras sem medida.

Na Universal, cada culto parece ter como objetivo principal a oferta, estimular o fiel a "dar para receber". Não é à toa que, nas pregações, os personagens bíblicos frequentemente aparecem firmando relações de troca

(25) Ver Gomes, Wilson. *Nem Anjos nem Demônios* In: Antoniazzi, Alberto et al. *Nem Anjos nem Demônios: Interpretações Sociológicas do Pentecostalismo*. Petrópolis, Vozes, 1994: 238-240.

com Deus, as quais, exortam os pastores, devem servir de modelo para os cristãos atuais. Passagens e histórias bíblicas são interpretadas de molde a encorajar os fiéis a ofertar com "sacrifício". O caso bíblico da viúva pobre que ofertou duas moedas, tudo que possuía para seu sustento (cf. Lucas 21: 1-4), é persistentemente apontado pelos pregadores da TP como exemplo a ser imitado.

Para estimular as pessoas a ofertar, estas igrejas prometem bênçãos sem medida. Mas isto não é tudo. Além de lembrados a cada culto dos altos custos dos aluguéis do prédio, do programa de rádio e de TV, das contas de água, luz e telefone, os adeptos mais recalcitrantes quanto às altas somas que lhes são estipuladas a ofertar, ou que não pagam o dízimo, são acusados de roubar a Deus, sofrem ameaças de ser amaldiçoados e são induzidos a crer que colaboram com o Diabo e têm parte de seu coração por ele dominada, tornando-se imerecedores das graças divinas. Quem se recusa a dar não só deixa de receber a bênção divina, como, pela via indireta, está se opondo a Deus ao negar apoio financeiro à obra evangelística da igreja. Como Deus é o dono de "toda prata e de todo ouro" e de tudo que há na terra, quando o crente paga o dízimo, advertem os pastores, na realidade está apenas devolvendo 10% do total de 100% que recebeu de Deus. Quando não devolve o dízimo, rouba a Deus.

Muito tempo da duração dos cultos é gasto doutrinando acerca de dízimos e ofertas. Mas os problemas que estas igrejas enfrentam dizem menos respeito à insistência com que falam disto e mais à abordagem distinta que fazem destas dádivas. A interpretação bíblica e as práticas baseadas no "é dando que se recebe" que defendem e adotam é que são polêmicas e motivo de descrédito para outros setores da sociedade. Seus pastores, reagindo às perseguições de que se dizem vítimas, sempre mencionam que são rotulados de ladrões pelo povo, pela imprensa e até por familiares e adeptos. Para vencer as próprias barreiras internas, sempre repostas pela rotatividade de pessoas em busca de soluções rituais para seus problemas, pela presença de novos adeptos e pela constante frequência de convidados, a pregação sobre dízimos e ofertas assim como os métodos empregados para arrecadá-los, cada vez mais esmerados, demandam extenso tempo dos cultos e elevada disposição e aptidão retórica do pastor.

Não obstante todos os esforços utilizados para convencer os fiéis quanto à sua eficácia e natureza bíblica, a hora das ofertas e dos desafios lançados à fé dos crentes é constrangedora. Embora tentem contornar isto pedindo ofertas imediatamente após a entoação entusiástica de cânticos ou a realização de fervorosas orações, com o fim de facultar aos presentes a comprovação do poder divino, através de exorcismos, testemunhos de curas e de outras graças alcançadas, prevalece o silêncio, o clima de velório. Neste momento, cada pastor reage de modo diverso. Quando pontificam "tá amarrado", isto significa que o Diabo está impedindo os fiéis de ofertar a quantia pedida. Outros, quando não passam logo um "sermão", brincam dizendo: "Ué gente, vocês ficaram tristes de repente?".

Em sua pesquisa, Ari Pedro Oro²⁶ obteve de alguns fiéis confissões de que sentiam vergonha por não doarem nada quando instados a fazê-lo. Por aí pode-se perceber o quanto são constrangidos a ofertar. Preferiam deixar de comprar mantimentos e assim ter o que ofertar para não se sentirem inferiorizados perante os demais. Por outro lado, imbuídos da mesma lógica, muitos dos que encaram os desafios financeiros têm por objetivo conquistar prestígio na igreja, quando caminham rumo ao púlpito, cabeça erguida e peito estufado, para entregar uma quantia estipulada que rara ou dificilmente pode ser ofertada por seus pares.

Boa parte dos fiéis procura contribuir segundo as suas condições e tende a usar o bom senso, por exemplo, não dando todos os seus bens à igreja, nem participando desprendida e seguidamente dos desafios financeiros propostos. Mas há quem seja "mão dura" e até quem burle sistematicamente a aritmética do dízimo.

Já muitos virtuais adeptos, diante dos insistentes apelos de ofertas e dízimos, afastam-se da igreja logo nos primeiros cultos. Enquanto muitos fiéis, por outro lado, após constantemente instados a fazê-lo, movidos tanto pelas graças alcançadas como pelo desejo de receber outras mais, chegam a comprometer o orçamento mensal ou parte de suas posses, doando bens como carros, caminhões, casas, terrenos, salário integral, recursos da poupança, relógios, jóias, ou então ofertando objetos que, além de seu valor monetário, possuem valor afetivo, como alianças de noivado e casamento. E se alguém ousar dizer que são explorados, pode esperar pela réplica de quem foi bem doutrinado a crer, como algo absolutamente natural, que os homens e Deus estabelecem relações de troca entre si.

Mas nem todos aceitam isto passivamente, sobretudo quando não obtêm o retorno desejado. Vale lembrar que Edir Macedo, líder da Universal, preso no dia 24 de maio de 1992, permaneceu doze dias encarcerado no 91^a Distrito Policial de São Paulo após ser denunciado por cinco ex-fiéis que doaram dinheiro à igreja à espera de bênçãos prometidas, que não aconteceram²⁷. É bastante provável que, como estes, muitos outros ex-adeptos da Universal tenham se lastimado arrependidos das doações que fizeram à igreja.

(26) Oro, Ari Pedro. "Podem passar a sacolinha: Um estudo sobre as representações do dinheiro no neopentecostalismo brasileiro". *Cadernos de Antropologia* da UFRS, Porto Alegre: 9, 1992, pp. 28, 30.

(27) *Folha de S. Paulo*, 25.05.92.

Ética e dinheiro

E a melhor piada do fim de semana foi a do Chico Anysio na "Escolinha do Professor Raimundo". Um cara tava na frente de uma dessas igrejas de crente e a mulher falou: "Entre, meu irmão". E o cara: "Não posso, tô duro" (José Simão, Folha de S. Paulo, 1.10.1991).

Paralela à discussão sobre prosperidade e dinheiro, que, como vimos, têm grande valor teológico para os neopentecostais, caminha a questão da

ética neste meio religioso. Vai longe o tempo em que os pentecostais eram conhecidos no país por sua probidade e honestidade. Mas seria errôneo e injusto afirmar, por exemplo, que a antiga imagem de retidão moral dos crentes foi por água abaixo, ao menos em parte, devido aos escândalos envolvendo a Igreja Universal e seu líder. Estes episódios, na realidade, acentuaram o desgaste que já vinha ocorrendo há décadas nesta imagem.

Para ser mais preciso, os pentecostais têm sido acusados de curandeirismo e charlatanismo pelo menos desde os anos 50. Nessa época, a igreja mais assediada pelo trio imprensa, polícia e justiça era a Brasil Para Cristo, que então enfatizava a crença na cura divina, promovia grandes concentrações evangelísticas e propagandeava milagres espetaculares, como, por exemplo, a ressurreição de seu líder, missionário Manoel de Mello. Enquanto esteve à frente da Brasil Para Cristo, ele foi detido 27 vezes pela polícia²⁸. Nada mais negativo para a imagem do pentecostalismo no país, já que Manoel de Mello foi um de seus maiores líderes. Mais tarde, no começo dos anos 80, foi a vez de a Deus É Amor ser contemplada pela mídia escrita. Algumas reportagens, entre elas as intituladas "Deus é Amor e Lucros Também" e "A Fantástica Rede de Negócios"²⁹, destacaram o enriquecimento de Davi Miranda, seu líder, e suas estratégias para arrecadar recursos nos cultos. Depois, o fisiologismo de alguns parlamentares da bancada evangélica na Constituinte³⁰ e, mais adiante, os controversos pedidos de ofertas e dízimos da Universal vieram consolidar a imagem negativa das lideranças crentes.

Com a emergência de escândalos políticos e financeiros, com o enriquecimento de alguns pastores, com o aparecimento de igrejas que pedem dinheiro insistentemente nos cultos e com a campanha difamatória, porque generalizante, conduzida pelos meios de comunicação de massa no caso Edir Macedo, a velha imagem de honestidade alterou-se radicalmente. De modelos de comportamento ético, os pastores pentecostais passaram a ser vistos, pelos de fora, como espertalhões descarados. A imagem pejorativa é tão forte atualmente que, em certos contextos, muitos pastores sentem-se na obrigação de dar explicações antepondo-se a prováveis discriminações, enquanto outros, para poupar esforços pouco eficazes, simplesmente omitem a identidade de ministros evangélicos. Já os fiéis tornaram-se, em muitos casos, objeto, de um lado, de piadas, de outro, da piedade de quem os encara como ingênuos submetidos a explorações aviltantes e mal disfarçadas.

As lideranças pentecostais têm sua cota de culpa pela baixa na sua credibilidade. Não se trata apenas de perseguição da mídia ou de quem quer que seja. Muitas igrejas nem sequer apresentam relatórios financeiros aos membros. Muitas nem sonham em tomar tal atitude. Assim, os fiéis não têm ciência do montante arrecadado, nem de como e onde está sendo aplicado. A ausência de mecanismos de controle e fiscalização por parte dos fiéis, a cobrança insistente de maiores ofertas conjugada à malversação de recursos arrecadados por alguns líderes ministeriais têm resultado em sérios custos éticos para o pentecostalismo, abalando sua antiga imagem de retidão moral.

(28) *Veja*, 07.10.81.

(29) Reportagens publicadas pelo jornal *O Estado de S. Paulo* em 16.10.84 e 14.10.84, respectivamente.

(30) Sobre o fisiologismo de evangélicos na Constituinte, ver Pierucci, Antônio Flávio. "Representantes de Deus em Brasília: A Bancada Evangélica na Constituinte". In: Vários. *Ciências Sociais Hoje*, 1989. São Paulo: Vértice e Anpocs, 1989.

Veja ou outra, mas não de agora, as práticas polêmicas de coleta de ofertas por certas denominações pentecostais e as finanças particulares de seus líderes merecem a atenção da imprensa. Mas hoje, com exceção da Universal, isto tem sido feito de modo esporádico e sem muito alarde.

Por ser objeto de constante fiscalização da mídia, a atuação dos pentecostais na política partidária também tem repercutido negativamente nas representações da sociedade sobre eles. Apesar de ser recente seu ingresso nesta esfera da vida social, são vários os casos de malversação de dinheiro público e de atitudes antiéticas e fisiológicas. Interessante notar que, talvez até pelo fato de apresentar comparativamente maior número de representantes na política, a denominação que teve políticos envolvidos em escândalos financeiros não foi a Universal nem a Evangelho Quadrangular (as outras duas igrejas com maior número de parlamentares), e sim a Assembléia de Deus, a mais puritana das igrejas pentecostais representadas no Congresso. Basta lembrar dos escândalos em que estiveram implicados os parlamentares assembleianos Manoel Moreira (PMDB/SP), João de Deus Antunes (PPR/RJ), Itsuo Takayama (PSD/MT) e Sotero Cunha³¹. Isto só vem mostrar, mais uma vez, que o problema ético envolvendo lideranças crentes e dinheiro não é prerrogativa dos neopentecostais.

(31) Sobre estes escândalos, ver, respectivamente, *Veja*, 10.11.93; *Folha de S. Paulo*, 1.12.93; *Folha de S. Paulo*, 16.12.93; *O Globo*, 3.11.94.

No seu processo de acomodação à sociedade os crentes, mormente os neopentecostais, mudaram sua relação com o dinheiro. Este adquiriu conotação e valor teológico positivos; tornou-se até objeto de cultos especiais, as correntes da prosperidade, baseados na formulação "é dando que se recebe". Pastores, sem cerimônia, passaram a pedi-lo em grandes quantias, enquanto os fiéis, sem culpa, assumiram seus desejos e ambições materiais. Mas a nova relação dos pastores com o dinheiro, encarada como charlatanice pela sociedade, veio somar-se às acusações de fisiologismo e corrupção na política partidária, ao enriquecimento de líderes ministeriais e à exploração da credulidade e ingenuidade dos fiéis. Com isso, a boa reputação de muitas lideranças pentecostais, se não foi a nocaute, passou a ser seriamente questionada.

Pentecostalismo, mobilidade social e capitalismo

Existiriam "afinidades eletivas" entre pentecostalismo e capitalismo? O inusitado da pergunta deixa de sê-lo quando se sabe que, desde 1990, popularizou-se nos Estados Unidos a tese, oriunda da academia, de que o crescimento pentecostal ao sul do Rio Grande poderia, a médio prazo, se constituir num poderoso estímulo para o fortalecimento da economia de mercado nos países latino-americanos.

O responsável por esta reedição (fora de lugar) da proposição weberiana (e da tese de Halévy acerca do metodismo) é David Martin, autor de *Tongues of fire: the explosion of Protestantism in Latin America*. O prefácio do livro, escrito por Peter Berger, defende contundentemente a tese

de que as conseqüências morais e sociais da conversão pentecostal na América Latina continuam a ser similares às conseqüências descritas por Weber da "ética protestante". Para Berger, o mesmo *ethos* do protestantismo continuaria, agora sob feição pentecostal, a manifestar afinidades com o "espírito do capitalismo".

David Martin mostra-se um pouco mais comedido em sua análise. Afirma que as evidências da relação entre pentecostalismo e sucesso econômico são recentes e fragmentárias. Para ele, as evidências só não são maiores porque a lógica cultural de participação, voluntarismo, autogoverno e iniciativa pessoal do pentecostalismo ainda se encontra "latente" nos países sul-americanos. Seus frutos demandarão certo tempo. Mas, afinal, quais as habilidades e virtudes que a religião pentecostal proveria a seus seguidores tornando-os mais aptos à mobilidade social? Segundo Martin, o pentecostalismo provê uma arena para o exercício de habilidades de expressão, oratória, organização, propagação e liderança, estimula a participação, a iniciativa pessoal, o voluntarismo (habilidades e disposições latentes que podem vir a ser aplicadas na administração de negócios ou transformadas em iniciativa econômica), cria estruturas terapêuticas, instituições educacionais e de lazer, inculca disciplina, ética do trabalho duro, sobriedade, pontualidade, honestidade, parcimônia (virtudes favoráveis à acumulação e melhoria no padrão de vida), rejeita o álcool, o machismo e a promiscuidade, promove a auto-estima, o sentido de valor pessoal, constrói redes protetoras de apoio mútuo³².

(32) Martin, David, op. cit., ver introdução e capítulos 11 e 13.

A Teologia da Prosperidade, até pelo nome, parece ser o exemplo perfeito da afinidade entre pentecostalismo e sucesso econômico. Mas nada está mais distante do puritanismo calvinista, exemplo mor desta afinidade, do que a TP. Nas seções ascéticas do protestantismo, a riqueza, quando adquirida no trabalho cotidiano, metódico e racional, constituía, segundo Weber, um dos sintomas de comprovação do estado de graça do indivíduo³³. A riqueza obtida, porém, era uma conseqüência não-intencional, não prevista, da severa disciplina religiosa do eleito. Na ótica weberiana a acumulação primitiva do capital resultaria, entre outros fatores, justamente da ética puritana, que interditava ao fiel qualquer modalidade de consumo supérfluo. No neopentecostalismo, o crente não procura a riqueza para comprovar seu estado de graça. Não se trata disso. Como todos os demais, crentes e incrédulos, ele quer enriquecer para usufruir de suas posses neste mundo. Sua motivação consumista, notadamente mundana, foge totalmente ao espírito do protestantismo ascético, sobretudo da vertente calvinista.

(33) Weber, Max, op. cit., 1991, p. 356.

Outro entrave para a tese de Martin é o fato de que nos últimos anos o pentecostalismo brasileiro, mormente a vertente neopentecostal, tem assumido formas cada vez menos ascéticas, afrouxando abertamente suas exigências éticas e disciplinares. Esta religião se mostra em franco processo de acomodação ao mundo, abraçando seus valores e interesses. Além disso, é preciso que se frise que o pentecostalismo, tal qual o conhecemos, antes de ser a religião da palavra, seguindo a tradição da Reforma, acima de tudo sempre foi a religião da experiência mística, na qual o fiel exercita dons

espirituais (dons de línguas, cura, profecia, revelação...) e se concebe como templo e instrumento do Espírito Santo. Daí muitas de suas crenças e práticas rituais apresentarem fortes traços mágicos. Uma religião densamente sacral, "mágica", antiintelectualista e cada vez menos ascética, como a pentecostal, apresenta seguramente pouquíssima afinidade com o chamado espírito do capitalismo, pelo menos com aquele descrito por Weber.

Na falta de evidências da capacidade do pentecostalismo de promover a mobilidade social de seus adeptos e, por consequência, a economia das regiões com grande proporção de crentes, Martin apela para o argumento de que suas disposições favoráveis ou afins ao capitalismo ainda estariam em estado "latente". Ora, o pentecostalismo está presente no Brasil, país que abriga cerca de metade dos evangélicos da América Latina, há mais de oito décadas, tempo suficiente para que manifestasse, se fosse o caso, sinais de seu propalado potencial econômico. Os problemas da análise do autor neste aspecto em particular decorrem, a meu ver, da idealização e supervalorização de certas características do pentecostalismo, tais como voluntarismo, autogoverno, iniciativa pessoal. Na realidade, a religião pentecostal não estimula tanto assim tais traços, ou pelo menos não estimula mais do que outras religiões populares, como a umbanda, o candomblé, o kardecismo e mesmo as comunidades católicas das CEBs e da Renovação Carismática. Quanto ao exercício das habilidades de expressão, oratória, organização e liderança que o pentecostalismo ofereceria aos seus fiéis, deve-se ter em conta que, praticamente, apenas os líderes eclesiais vivenciam rotineiramente tal tipo de experiência. Para a massa dos fiéis estão reservados sobretudo os papéis de compor a platéia dos cultos, custear a manutenção da igreja e participar de grupos de estudo bíblico, de mocidade etc. É notório que os crentes pentecostais são enormemente participativos no que diz respeito à frequência aos cultos e demais atividades denominacionais. Mas o fato é que tal empenho e assiduidade nas atividades religiosas não têm se revertido, por exemplo, numa maior participação civil dos evangélicos³⁴. Sinal de que, além de não promover a mobilidade social dos crentes, participação, associativismo e voluntarismo pentecostais também não têm contribuído para fortalecer as frágeis democracias latino-americanas.

Para finalizar, gostaria de assinalar que a ironia da coisa é que a Teologia da Prosperidade, ao se configurar como um conjunto de crenças altamente mágicas e ao renegar o velho ascetismo protestante, possa estar pondo por terra justamente o elemento de natureza ética do protestantismo capaz de, ao menos potencialmente, promover a realização de sua principal promessa: a tão almejada prosperidade.

(34) A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) de 1988 apresentou dados indicando que os evangélicos (protestantes e pentecostais) formavam o grupo religioso, comparado a todos os outros, que menos participava de associações civis no país. Ver Fernandes, Rubem César. "Governo das almas: As denominações evangélicas no Grande Rio." In: *Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo*. Petrópolis: Vozes, 1994, pp. 175, 178, Tabela 8.

Recebido para publicação em janeiro de 1996.

Ricardo Mariano é doutorando em Sociologia na FFLCH-USP. Já publicou nesta revista, em co-autoria com Antônio Flávio Pierucci, "O envolvimento dos pentecostais na eleição de Colôr" (Nº 34).

Novos Estudos

CEBRAP

N.º 44, março 1996

pp. 24-44
